

A CRIANÇA E O LUTO: A VIVÊNCIA DA MORTE NA INFÂNCIA

Ilana Cortes¹ e Nilda Martins Sirelli²

RESUMO

O presente artigo aborda os possíveis efeitos da morte para uma criança. O luto é exatamente essa produção árdua de retorno aos traços que ligam o sujeito a um determinado objeto, até que ele possa incorporá-los, podendo se ver livre para investir em novos objetos. Contudo, que o luto não é uma reação automática diante da perda de um objeto, ele pode não acontecer, e inclusive ser dificultado por estratégias como o silenciamento diante da morte, como omitir o fato para a criança. Um luto não vivido não é sem efeitos, podendo produzir ainda mais sofrimento, e diversos sintomas, como depressões, fobias, e falta de investimento em si e na vida.

Palavras-chave: Criança. Morte. Luto. Criação.

¹ Aluna do Curso de Psicologia da Faculdade Salesiana Maria Auxiliadora (FSMA – Macaé).

² Psicanalista, Doutora em Memória Social pela UNIRIO, Professora de Psicologia da Faculdade Salesiana Maria Auxiliadora (FSMA– Macaé).

INTRODUÇÃO

Freud esclarece que o humano nasce no desamparo radical, sendo a espécie que está mais despreparada para a vida, despreparo neurológico, motor e simbólico. O desamparo é tal, que se não for tomado por um semelhante que o acolha e cuide, o bebê humano está fadado a morte. Tal fato é fecundo de consequências, pois é por seu semelhante que o humano apreende a conhecer-se.

Com Freud vemos que a mãe³ é o primeiro objeto de amor de toda criança, pois é por meio de seus cuidados que o corpo do bebê é erotizado, e começa a ser experimentado como possível fonte de prazer e de laço com o Outro. Ao mesmo tempo, por ela o bebê recebe uma série de estimulações, inclusive simbólicas, emergindo possibilidades de nomeação e reconhecimento. O pai⁴, como apontado por Freud, é aquele que tem por função barrar a relação do bebê com sua mãe, evidenciando que o desejo materno não se restringe apenas a criança, mas está para além dela. Função importantíssima, pois, como nota Lacan, é assim que o circuito não se fecha sobre a criança, e ela é lançada a um movimento de busca e reconhecimentos fora desse laço.

O pai se torna um objeto de identificação, pois a criança busca nele aquilo que supostamente lhe falta, mas que a mãe deseja. Os traços do pai tornar-se vias de ancoramento para a subjetividade infantil.

É imprescindível salientar que Freud (1914/2010) explica o fenômeno da identificação pela incorporação canibalística. Em tribos canibais não se come qualquer semelhante, mas apenas aqueles que têm atributos aos quais eu gostaria de ter em mim, ou seja, eu me alimento do outro para que sua força, sua coragem, etc. agora façam parte do que sou, sendo integrado em mim. Assim, a identificação em Freud não é uma simples imitação, ao me identificar com um outro eu tomo seus

³ A mãe é aquele que se ocupa em acolher essa criança na vida, lhe direcionado um olhar, cuidado, e lhe investindo desejo, não se tratando necessariamente da genitora.

⁴ Tal como demarcamos com relação a mãe, é importante destacar que o pai, como uma função, se trata daquele que interdita a relação da mãe com a criança, por ser para a mãe um objeto de desejo fora da criança.

traços para mim, os incorporo, e agora sou aquilo que acolhi do outro (como no caso do nome próprio).

Tais premissas ganham tanta importância, pois daqui começamos a apreender a função dos pais no universo infantil, para daí pensarmos: quais os possíveis efeitos da morte desses genitores para a criança? E mais, como poderia ser vivenciado o luto na infância?

A MORTE

"Morrer é duro. Sempre senti que a única recompensa dos mortos é não morrer nunca mais."
Friedrich Nietzsche

De certa forma, todos nós temos medo da morte, de forma que temer a própria morte, a morte de pessoas próximas, ou ainda os próprios mortos são possibilidades que afetam e interferem na vida das pessoas, ainda mais a vida de uma criança que perde seus entes queridos.

Apesar do seu caráter natural e biológico que a mostra como inevitável, a morte possui, ainda, um caráter simbólico que varia nas diferentes culturas e no decorrer da história, sendo para o homem ocidental moderno um sinônimo de fracasso, impotência, e, como tal, deve ser escondido a qualquer custo, pois retrata a 'falha' apesar de todo conhecimento tecnológico adquirido a favor da vida na área da saúde (COMBINATO e QUEIROZ, 2006; GIBRAN e PERES, 2013).

Assim, tornou-se um tabu, um assunto proibido, que é permeado por inúmeras fantasias e expectativas na aparente possibilidade de anular seus efeitos. "A morte, destino inexorável de todo ser, é dificilmente absorvida pela civilização ocidental, que diante do golpe narcísico mais contundente descobre caminhos tortuosos na doce ilusão de um drible possível" (MENDLOWICZ, 2000, p. 94).

Freud (2010[1915]), no texto *Considerações Atuais sobre a Guerra e a Morte*, texto que, aliás, convém enfatizar, possui um vívido caráter contemporâneo, oferece uma importante baliza para pensarmos a morte a partir da perspectiva psicanalítica. O autor pontua um não saber radical sobre a morte, muito mais potente que qualquer negação da cultura, já que desvela sua inexistência no inconsciente:

"Para quem nos ouvisse, naturalmente nos dispúnhamos a sustentar que a morte é o desfecho necessário de toda vida, que cada um de nós deve à natureza uma morte e tem de estar preparado para saldar a dívida, em suma, que a morte é natural, incontestável e inevitável. Mas na realidade nós agíamos como se as coisas fossem diferentes. Manifestávamos a inconfundível tendência de pôr a morte de lado, de eliminá-la da vida. Procurávamos reduzi-la ao silêncio [...] pois a própria morte é também inconcebível, e, por mais que tentemos imaginá-la, notaremos que continuamos a existir como observadores. De modo que na escola psicanalítica pudemos arriscar a afirmação de que no fundo ninguém acredita na própria morte; ou, o que vem a significar o mesmo, que no inconsciente cada um de nós está convencido de sua imortalidade" (p.230).

A irrepresentabilidade da morte é a questão, de forma que, embora em contato com a experiência da morte de outros, jamais seremos capazes de tecer representações da nossa própria morte, já que a morte é a ausência de toda e qualquer representação, e, logo, nela não há atividade psíquica. Assim, se não há registro da morte no inconsciente, a imortalidade torneia a fantasia que criamos em torno desse não saber fundamental. A experiência da nossa própria morte é algo que nos foge, a novidade e a surpresa que nos esperam em algum momento, de alguma forma, em algum lugar, o irrepresentável daquilo que nunca vivemos de fato, apesar das várias tentativas de representação oferecidas por crenças, religiões, arte e ciências, que, porque não, podem também ser vistas como fruto desse mesmo irrepresentável, como tentativas de construir saberes sobre ele (HARTMANN, 2005).

Cassorla (1992) aponta que estar diante da morte, e não poder controlá-la, tende a uma ferida narcísica, no sentido de não sermos senhores dos nossos destinos e ignorarmos o conhecimento do que acontece após a morte. É, como já mencionado, o terror diante do não-saber.

Dessa forma, podemos ainda recorrer a Freud em seu texto *O Estranho* (1976[1919]), onde ele nos fala que "o estranho é aquela categoria do assustador que remete ao que é conhecido, de velho, e há muito familiar" (p. 277). Nesse exato contexto podemos incluir a morte como o "estranho velho conhecido", o fato inevitável com o qual não queremos contato, sendo, portanto, estranho àquilo que não sabemos como abordar. Complementa, ainda, que "não é motivo para surpresa o fato de que o primitivo medo da morte é ainda tão intenso dentro de nós e está sempre pronto a vir à superfície por qualquer provocação" (FREUD, 1976[1919], p. 302). Isso pode nos levar por uma discussão que encare o silêncio que muitos optam por manter quando nos referimos a esse assunto, como uma resistência ao

que há de mais familiar, porém estranho. Assim, supomos que a morte de entes queridos pode suscitar em nós todas essas questões até então lá mantidas, trazendo-as à tona.

Ainda se referindo as estratégias de silenciamento diante da morte, por diversas vezes o silêncio é a resposta dada a uma criança diante da morte de um dos pais. Em diversos casos simplesmente se omite o fato dizendo que o ente querido está “dormindo”, “viajou”, “foi para o céu”, sem de fato apontar para a criança que ela não verá mais a pessoa amada, e sem evidenciar que é algo que causa sofrimento a todos, o que permitiria que a criança pudesse ao menos viver seu sofrimento partilhando com os demais.

Cabe notar que o caráter estranho e a opção do silêncio perante esse tema é uma opção encontrada nos adultos, pois as crianças falam sobre a morte com naturalidade e despreocupadamente, como Freud ainda salienta no texto de 1915: "Querida mamãe, quando você morrer, vou fazer isso ou aquilo" (p. 230). As crianças não possuem pudores ao ameaçar amigos de morte, ou falar sobre a morte daqueles que mais amam. Não existe qualquer contradição ou temor nessa postura.

Então, como seria essa experiência da morte dos pais para esses pequenos sujeitos? Para a criança, a morte dos genitores pode ser de grande impacto, pois além do desamparo sentido pela perda do referencial direto de cuidado, há também um corte na ilusão narcísica de onipotência nesse momento específico em que ela é também fonte de segurança (FRANCO e MAZORRA, 2007). Em outras palavras, é uma profunda ameaça à sua sobrevivência, pois se perde, além do genitor que morreu, a situação familiar anterior, e a ilusão de ser protegido e cuidado, não estando exposto aos riscos da vida.

Em muitos casos ainda, a família precisa se reestruturar diante da perda, o cotidiano é alterado, e o genitor sobrevivente também está enlutado, ninguém permanece o mesmo.

Freud aponta que um luto só pode ser despertado se o objeto perdido encerra em si uma série de traços de memória, sendo ponto de ancoragem para a constituição subjetiva de um sujeito. Nesse sentido, concluímos que a perda do casal parental, ou de um deles, é capaz de despertar um processo de luto.

O LUTO

Em *Luto e Melancolia* (1917[1915]/2010), Freud nos situa quanto ao Luto, apresentando seu caráter 'saudável' na medida em que possibilita ao sujeito encontrar um caminho frente à perda sofrida. "Via de regra, luto é a reação à perda de uma pessoa amada ou de uma abstração que ocupa seu lugar, como pátria, liberdade, um ideal, etc" (p. 171), assim o luto não acontece somente diante da perda de uma pessoa, mas de qualquer objeto de grande investimento para o sujeito.

Embora, como salienta Freud, o sujeito adote uma postura que foge a sua conduta normal, esse estado não deve ser visto como patológico. Um doloroso abatimento cai sobre o sujeito, onde podemos observar o desinteresse pelo mundo externo, incapacidade de escolher um novo objeto de amor, afastamento de toda atividade não relacionada ao objeto perdido. No entanto, o que vemos é uma exclusiva dedicação do Eu ao luto, não restando nenhuma energia para outros interesses. Assim, é importante que um sujeito possa viver a perda do objeto, e que não seja forçado a passar por ela negando sua existência.

O Eu não declara o objeto imediatamente perdido, mas é forçado pela realidade a admitir que o objeto amado não existe mais, o sujeito deve retirar toda libido das conexões com esse objeto, mas em contraponto, "observa-se geralmente que o ser humano não gosta de abandonar uma posição libidinal" (FREUD, 1917[1915]/2010, p. 173). Quanto maior a importância que o objeto perdido tem para o sujeito, mais conexões estarão nele engendradas, e maior será a libido que nele estará investida. Dessa forma, cumprir a solicitação da vida de retirada desse investimento requer tempo e energia, e é um trabalho que é feito aos poucos, pois, nas palavras de Freud, "cada uma das lembranças e expectativas em que a libido se achava ligada ao objeto é enfocada e superinvestida, e em cada uma sucede o desligamento da libido" (FREUD, 1917[1915]/2010).

Nota-se, então, que o que se perde vai além do objeto em si. Há uma perda radical do que antes estava posto para esse sujeito, e a partir de então ele se encontra sem nenhuma garantia, em processo de subjetivação que pode ativar os mais diversos mecanismos de defesas (SIRELLI, 2014). Grande parte de si mesmo,

das inscrições psíquicas do sujeito, bem como desejos e expectativas são sentidas como perdas junto com o objeto.

A representação inconsciente do objeto é constituída por inúmeros traços, impressões singulares, dos quais a libido investida precisa ser retirada, logo, esse processo não pode ser instantâneo, mas sim demorado e gradual. Um objeto de grande importância para o Eu, como já mencionado, é reforçado por muitos nexos. Ao fim desse processo, o Eu estará novamente apto a reinvestir em outro objeto. Durante o luto o Eu é levado "a renunciar o objeto, declarando-o morto e oferecendo ao Eu o prêmio de continuar vivo" (FREUD, 1917[1915]/2010, p. 192). Há, portanto, uma celebração da vida ao final do luto.

Durante o processo de luto, o sujeito deve encarar a perda, acontecimento que não ocorre sem dor. Deve deixar o objeto ir embora, optar por não permanecer nos escombros do que se foi (SIRELLI, 2014). Em outras palavras, não há luto sem dor, é um processo necessário no qual devemos permitir que o sujeito, a seu tempo, seja capaz de desligar-se do objeto perdido e relançar-se em busca de um novo objeto. Por um período, o mundo deixa de ser interessante na medida em que ele não lembra o morto, e qualquer atividade que não esteja ligada a sua memória perde o sentido. O que ocorre, é uma dedicação exclusiva do eu ao luto.

No interessante jogo de palavras usado por Castelo Branco (2009), "o luto toma, então, o sentido do verbo lutar em português [...]: eu luto! *Luto* contra o vazio que tenta me abarcar, *luto* contra o não-sentido devastador da perda e só isso me torna capaz de reagir". Em um primeiro momento, a ligação objetual com o objeto eleito é estabelecida, sendo seguida pela perda desse objeto que varre todos esses laços de amor, esvaziando-os. Finalmente, em um terceiro momento, estabelece-se o trabalho de luto, uma busca por ressignificar o vazio do laço amoroso e o não-sentido da finitude, o real exposto pela falta do objeto, para, posteriormente, ser capaz de ligar-se a um novo objeto.

Nessa lógica, Freud aponta uma diferença fundamental entre luto e melancolia, que exceto por esse aspecto, apresentam características muito semelhantes: além de todo desinteresse no mundo externo e incapacidade de escolher um novo objeto de amor, há na melancolia uma enorme diminuição da autoestima, onde o próprio

Eu, e não apenas o mundo sem o objeto, se torna pobre e vazio. O prêmio por continuar vivo não se observa no melancólico, que se culpa e se agride nessa identificação vivida com o objeto perdido.

Segundo Freud (1927[1915]/2011), apenas um objeto de grande significado se prestará a provocar um luto. Um objeto só adquire tamanha importância para o sujeito quando está repleto de investimento libidinal, ligado a inúmeros traços de memória, como vimos. Por conseguinte, essa perda movimenta todo um encadeamento psíquico e diversos investimentos, exigindo do sujeito uma completa reordenação da memória (SIRELLI, 2014).

Para observarmos esse reordenamento, cabe retomarmos brevemente a questão da temporalidade. O inconsciente não segue a linearidade temporal conhecida por nós, onde início, meio e fim imperam na realização dos atos e tentativa consciente de organização de lembranças. A intensidade dos afetos contidos em determinada representação não se altera com a passagem do tempo em si, ao mesmo tempo em que tal representação não muda, esvaece ou diminui com o passar dos anos. O que pode ocorrer, no entanto, são ressignificações de determinadas representações a partir de experiências posteriormente vividas, mas o simples transcorrer do tempo cronológico não possui nenhuma consequência no inconsciente, apenas na ordenação consciente feita deste (SIRELLI, 2014).

Assim, com a perda de alguém que amamos, ou seja, com o desaparecimento desse objeto repleto de investimento, segue-se um grande trabalho de reordenamento de memória e ressignificação das experiências ligadas a este que não mais existe. Planos, projetos, rotinas, tudo precisa ser ressignificado, reorganizado, reordenado. Todas essas memórias plenas de afeto tomam toda a energia do eu, completamente absorvido por esse trabalho, até que então esteja pronto para desligar-se do objeto e disponibilizar-se para nossas possibilidades.

Como vimos anteriormente, nossa cultura opta pelo silenciamento diante da morte, pelo abafamento e supressão das fortes emoções que acompanham a perda de uma pessoa amada, como se o tempo fosse apagar tudo que ocorreu. Porém, observamos que isso vai de encontro às descobertas de Freud. Precisamos lembrar para esquecer, super investir para, então, reordenar e ressignificar nossa memória,

e encontrar para o objeto perdido uma posição condizente com a realidade da sua ausência.

Conforme salienta Sirelli (2014), "no luto toda ambivalência de nossa relação com o objeto pode aparecer, inclusive marcada pelo ódio do objeto que se foi, pelo fracasso daquele investimento, que deixa o sujeito à deriva". Nos deparamos com o desamparo que nos é constituinte, e o luto pode ser uma saída encontrada diante deste. Possível, porém não única e inevitável. É uma saída que implica o sujeito ao deparar-se com a dor e a infinidade de conexões com o morto. Saída que implica lembrança, não esquecimento. As "técnicas de esquecimento" exaltadas pela sociedade e seu tabu no que se refere à morte, ao contrário, impedem um trabalho de luto adequado, recalcando o que provoca a dor (a lembrança do que foi perdido). Esse recalcado, no entanto, não deixaria de produzir consequências, saindo do seu lugar de não dito para assumir seu poder através da repetição (MEZAN, 1989).

Ainda nas palavras de Sirelli (2014),

Como consequência, o luto pode acolher em si o que está por excelência perdido, se refazer a partir dos traços do objeto perdido, que permanecem vivos em mim, e ao desposá-los, sou convocado a uma reconstrução, a me reinventar pela incorporação, pela assimilação de seus traços. Os traços mnêmicos do objeto permanecem vivos em mim, independente da presença real do objeto. A lógica do luto é como a proposta por Nietzsche em que digestão vigora sob a ruminação, o que implica em deixar fazer parte de mim, me reposicionando diante não só da vida, mas de mim mesmo (p. 118).

Em suma, o processo de luto vai de encontro a esquecer. Ele está diretamente ligado à apropriação da dor, da ausência, como uma via para ressignificação e possibilidade de seguir em frente, apesar da falta. O sujeito se torna outro a partir dessa experiência, através dessa perda.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O luto e o processo pelo qual a libido investida no objeto perdido, poderá ser redirecionada para o próprio eu. O eu se mostra empobrecido diante da perda de um objeto, e só pode voltar a ser investido se o sujeito se apropria dos traços do objeto, e os incorpora ao eu. Assim, o sujeito não se desfaz do objeto, mas o torna parte de si, alterando-se, modificando-se com o processo.

Muitas vezes a criança é impedida de viver o luto, pelos mais diversos motivos: não são comunicadas sobre a morte de seu ente querido, inventando histórias, ou simplesmente silenciando, ou são impelidas a continuar a vida como se nada tivesse acontecido. Tais mecanismos que forçam uma indiferença impossível de acontecer podem ter consequências catastróficas.

A melancolia evidencia que o luto não é uma reação automática diante da perda de um objeto de grande investimento, o luto pode não acontecer, e o caminho que leva o sujeito a se tornar livre para investir em novos objetos pode não se dar. Nesse sentido, a morte do casal parental pode engendrar os mais diversos sintomas: depressão, fobias, e dificuldades de investir nos outros e na própria vida.

Nesse sentido, pretendemos dar continuidade a nossa pesquisa, estudando a ocorrência de sintomas depressivos em crianças impossibilitadas de vivenciar o luto.

REFÊNCIAS

BRANCO, F.C. Tristes Tópicos: um estudo sobre a melancolia em Freud. Dissertação de Mestrado (Inédito), UERJ. RJ, 2009.

CASSORLA, R. M. S. Reflexões sobre a Psicanálise e a Morte. *In* KOVÁCS, M.J.. Morte e Desenvolvimento Humano. SP: Casa do Psicólogo, 1992. p. 90 a 110.

COMBINATO, D. S.; QUEIROZ, M. S. Morte: uma visão psicossocial. *Estudos de Psicologia*, 11(2), 209-216, 2006.

FRANCO, M. H. P; MAZORRA, L. Criança e luto: vivências fantasmáticas diante da morte do genitor. *Estudos de Psicologia - Campinas*, 24(4), 503-511, 2007.

FREUD, S. O Estranho, 1919. *In* Obras psicológicas de Sigmund Freud. L. A. Hanns (Coord.), vol. XVII. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1976.

FREUD, S. Considerações Atuais sobre a Guerra e a Morte, 1915. *In* Freud - Obras Completas, vol 12. Cia das Letras, 2010.

FREUD, S. Luto e melancolia, 1917 [1915]. *In* Freud - Obras Completas, vol 12. Cia das Letras, 2010.

FREUD, S. O inconsciente, 1917 [1915]. *In* Freud - Obras Completas, vol 12. Cia das Letras, 2010.

FREUD, S. Notas Sobre o Bloco Mágico, 1925. *In* Freud - Obras Completas, vol 12. Cia das Letras, 2016.

FREUD, S. Introdução ao Narcisismo, 1914. *In* Freud - Obras Completas, vol 12. Cia das Letras, 2010.

GIBRAN, R. C. R.; PERES, R. S.. Luto: questões do manejo técnico na clínica psicanalítica. *Rev. SPAGESP*, Ribeirão Preto, 2013, v. 14, n. 2.

HARTMANN, F. Violência e Discurso. *In* ROSA JR, N. C. D. F. Violências e Contemporaneidade. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2005, p. 45-52.

KOVÁCS, M. J. Morte e Desenvolvimento Humano. SP: Casa do Psicólogo, 1992.

MENDLOWICZ, E. O luto e seus destinos. *Revista Ágora*, 2000, v. III, n°2, p. 87-96.

MEZAN, R. Esquecer? Não, in-quecer?. *In*: Fernandes, H. (Org.) O tempo do desejo: psicanálise e sociologia. São Paulo: Brasiliense, 1989.

SIRELLI, N. M. O trabalho de luto e a potencia do esquecimento. Tese de doutorado defendida na Universidade Federal do estado do Rio de Janeiro/UNIRIO (inédito). 2014.

THE CHILD AND MOURNING: THE EXPERIENCE OF DEATH IN CHILDHOOD

ABSTRACT

In our research we studied the effects of the death for a child. Grief is exactly this arduous production return to traits that bind to a given object, until it can incorporate them into I can be free to invest in new objects. We conclude that grief is not an automatic reaction to the loss of an object, it can not happen, and even be hampered by strategies such as silencing the face of death, such as omitting the fact for the child. A mourning not lived is not without effects, and may produce more suffering, and various symptoms such as depression, phobias, and lack of investment in themselves and in life.

KEYWORDS: Child. Death. Mourning. Creation.

LES ENFANTS ET LA DOULEUR : L'EXPERIENCE DE LA MORT DANS L'ENFANCE

RESUME

Dans notre recherche, nous avons étudié les effets de la mort pour un enfant. Le deuil est exactement ce retour de la production ardue à des traits qui se lient à un objet donné, jusqu'à ce qu'il puisse les intégrer dans je peux être libre d'investir dans de nouveaux objets. Nous concluons que la douleur n'est pas une réaction automatique à la perte d'un objet, il ne peut pas se produire, et même être entravé par des stratégies telles que faire taire face à la mort, comme en omettant le fait pour l'enfant. Un deuil non vécu est pas sans effets, et peut produire plus de souffrance, et divers symptômes tels que la dépression, les phobies, et le manque d'investissement en eux-mêmes et dans la vie.

MOTS-CLÉS : Enfant. Mort. Deuil. Création.

Recebido em: 02-08-2016

Aprovado em: 21-10-2016

© 2016 Psicanálise & Barroem revista

<http://www.psicanaliseebarroco.pro.br/>

revista@psicanaliseebarroco.pro.br

Programa de Pós-Graduação em Memória Social — UNIRIO.

Memória, Subjetividade e Criação.

<http://www.memoriasocial.pro.br/proposta-area.php>